

A Cidade de Ytú

ORGAM BI-SEMANAL

Redactor--MANOEL PEREIRA DE ARRUDA

Editor--FRANCISCO KIEHL

ANNO VII	ASSIGNATURAS	YTU, 30 de Julho de 1899	PUBLICAÇÕES	
	Cidade, anno..... 12\$000 Fóra, anno..... 14\$000 ESCRITORIO—RUA DA PALMA, 56		Secção Livre, linha..... \$200 Editaes, linha..... \$300 OFFICINAS—RUA DA PALMA, 56	N. 469

MELHORAMENTOS LOCAES

Em artigo anterior já fizemos conhecer que o estado de nossas ruas é pessimo, pessissimo e não poderia ser peor.

Segundo pessoas auctorizadas ellas são a causa primordial das molestias que aqui se alastram com facilidade nunca vista.

De parceria com a agua infame que nos é fornecida, as ruas poeirentas dão pasto largo á influencia, ás febres de máo caracter, ás pneumonias e á tantas outras enfermidades que assolam esta cidade, quasi sempre deshabitada, porisso que os agricultores, os capitalistas e tantos outros proprietarios que dispõem de recursos, ausentam-se á tratar de seus interesses, ou fóra do municipio, ou fóra da cidade, em os seus estabelecimentos rurales.

Si o ar vicia-se em relação ao accrescimento de população, nós não encontraríamos a causa do nosso máo clima, se não tivéssemos certeza de que este é provocado pelo máo estado das ruas e pela agua repugnante de que a cidade é abastecida.

Accrescente-se á isto tudo a iluminação desprezível que nos é fornecida pela camara municipal, iluminação que bem demonstra o estado de decadencia de uma população outrora tão activa e hoje vilmente subjugada pelo despotismo politico que campeia em quasi todo o Estado de S. Paulo.

Em quasi todas as localidades do interior a iluminação publica é tratada com zelo e merece a maior attenção por parte daquelles que estão á testa dos negocios municipaes.

E nem poderia ser por menos em uma quadra que o governo procura promover economias de todo o tamanho, reduzindo a força publica, que representa a garantia á liberdade individual.

E' preciso que haja um lampeão em cada esquina para que o viandante se possa defender do gatuno, do assassino que nos ataca á noite...

Luz!

A luz é sempre querida, a luz é sempre indispensavel quer para illuminar o rosto do assassino transfuga, quer para illuminar a consciencia dos prepotentes ignorantes...

Estes, como aquelles, preferem a treva.

Conhecedores do nosso papel e, ainda mais, do meio vicioso em que vivemos, temos sempre clamado por luz e força publica.

Precisamos de força publica para que a nossa vida, não esteja constantemente exposta ás balas do assassino impune; precisamos de luz para podermos evitar, á noite, esse mesino assassino!

Ribeirão Preto está hoje em festas; inaugura a iluminação electrica, Amparo sente-se feliz por ver que a camara municipal adquirio a iluminação electrica, confiada, até então, ao banco. Rio Claro é illuminado á luz electrica, Campinas o é á gaz.

Jundiahy contractou com Arens Irmãos o serviço de luz electrica, e até os nossos

visinhos do Salto (Villa I I) já tentam, e vão conseguir, a iluminação pela electricidade!

Ytú é illuminado a kerozene e não cogita em tirar-se dessa velha usança!

E que iluminação!!
Tantos outros logares pobres são illuminados a kerozene, é verdade, porém, tal serviço é feito por concorrência e sob contractos que trazem em suas clausulas o interesse para o publico em geral e não apenas rendosas gorjetas aos situacionistas interesseiros.

Ytú é illuminado (para constar) a kerozene, do mesmo modo que o poderia ser a azeite de mamono!

Um dia pedimos, e o governo não nos ligou importancia, força publica de que o destacamento desta cidade achava-se resentido.

Dias depois o governo enviava força para Ytú!...

Para que?
Para obstar a desgraça que já se tinha dado?

Pedimos força quando della necessitamos e o governo mandou-nos força, quando já ella não era necessaria.

Agora queremos luz, mas quem é que nos vae fornecer luz?

Aquelles que gostam das trevas?
Como a ausencia de força favorece a desordem a treva favorece o assassino, o gatuno, os assalariados...

Mas... haja treva!

A treva é indispensavel aos morcegos e ás corujas que penetram á noite no recinto sagrado dos templos para roubar o azeite, indispensavel á sua subsistencia.

TIC-TAC

Falta tinta no tinteiro,
Falta penna na caneta;
Um lapis custa dinheiro,
O papel me faz careta...

Se em vez de eu ser brasileiro
Fosse hespanhol de veneta,
Mettido neste brazeiro,
Dizia agora... trombeta.

Como se póde escrever
Sem nem um assumpto ter,
Sem caneta e sem a penna?

E por tão forte razão
Não sahe hoje esta secção,
Chocha, mirrada, pequena...

GIL-VAS.

Notas Tristes

Eu gosto de ouvir um advogado fallar em sessão do jury:

«Senhores juizes de facto! a instituição do jury, essa instituição liberrima que amplamente garante a liberdade dos cidadãos...»

Instituição garantidora!...

Não entendo nada de jury mas acredito que seja uma velhacada como outra qualquer...

A instituição póde ser garantidora mas... hoje está tudo corrompido.

E' livrar de lhe cahir nas garras, principalmente sendo pobre.

A justiça tambem se vende pelo dinheiro...

Um individuo commette um crime previsto no artigo tantos do Codigo Penal mas tem muito dinheiro ou pertence alguma familia muito considerada e é absolvido unanimemente.

Apparecem milhares de circunstancias attenuantes em favor do accusado.

«Instituição sublime, instituição garantidora das liberdades!...»

Pois, sim!

Palavra! eu não entendo nada de negocio de jury, mas pelo que já tenho visto...

A proposito:—vou contar aos meus leitores um negocio de jury que me foi dado presenciar.

O caso não é muito comprido mas é interessante.

Um dia que eu vim na villa vi fallar da tal historia de jury e a pessoa que fallava dizia que aquillo é que era!

Fui espiar...

A sala estava cheia de gente.

De repente entraram soldados conduzindo o juiz...

Este sentou-se em um tamborete que estava no extremo da mesa, em frente ao espelho da sala.

A' cabeceira da mesa, ou, ainda, na presidencia como se diz, estava o reu, um pobre velhote que, pelos ares, parecia irresponsavel pelo crime, pois, sou capaz de afirmar:—é imbecil.

Ao lado delle estava o seu advogado, o mesmo que serve para todos, visto que occupa sempre o mesmo logar, segundo me disseram.

Este bacharel de demanda não prima muito pelos bons costumes; botava as vezes a perna em cima do reu e, com um lapis que tinha na mão, rabiscava um *sincerosinho* que estava em frente do reu.

Eu moro no matto, mas nunca botei a perna em cima de ninguem, salvo casos excepcionaes que o segredo da vida privada, vida domestica como se diz cá na villa, impede-me de pôr em publico...

Logo depois que o juiz tomou o seu tamborete, deixando, após si e a pequena distancia os dois *herodes* que o haviam acompanhado, o reu, tomando o sincerosinho que estava servindo de papel ao seu advogado, fez com elle a mesma cousa que fazem os zeladores de clubs quando é hora do café.

Houve silencio na sala.

—Levante-se, disse o réu ao juiz que tinha recebido ordem de sentar-se...

—Como se chama? Que idade tem? Seu estado? Conhece as testemunhas que injuriaram o processo? Tem algum motivo particular a que attribuir a accusação? Tem provas á allegar em sua defesa?

O juiz ia respondendo a estas perguntas e o *mirinho*, que estava tambem ali de um lado, tomava nota das respostas.

Depois disto o juiz sentou-se e o reu bateu novamente o sincero e disse:—vae se proceder a chamada das partes...

Um homem começou a *repetir* o que o mirinho dizia:

—Auctora a Justiça por seu promotor.

—Auctora a injustiça por seu permutó.
—Reu preso Godofredo Annunciação.
—Reu preso Alfredo de Assumpção.
—Testemunhas.
—Tistimunha.

E assim por diante; o homem *repetia* tudo...

Depois de ter o reu foramado o conselho de sentença deu a palavra ao seu advogado; este principiou a *fallação*...

Antes, porém, de referir-me ao seu discurso quero dizer de passagem que o tal advogado é um menino de 11 ou 12 annos e, como já disse, mal educado e estúpido...

Ahi vae elle:

«O marmelleiro accusatorio diz que ha injustiça do seu promotor contra o reu preso e... se fór preciso...»

Notem bem a coisa...

«...se fór preciso provará...»

E prova mesmo; é só elle querer e... sendo preciso...

O homem fallou seguramente dois minutos...

Fallou admiravelmente!

Tambem o talento delle é para muito mais...

Eu só sei contar que no fim de contas o pobre juiz foi pra' cadêa e o reu sahiu com seu advogado...

Instituição garantidora!...

Pois sim, disse cá commigo, nas mãos de imbecis, de criancolas e de idiotas?

Pois sim!...

A' um meu amigo e para terminar:—procurei no Garraux, unica livraria a que pude chegar, e não encontrei o *Finis Patrie*, de Guerra Junqueiro, porém, se me não falha a memoria, os versos a que o amigo se refere são, mais ou menos, estes:

«... rouba milhão, assassina,

«E's rei!

«Que prostituta está cantando a aquella es- [quina?

«A Lei!...»

TITTO.

CONTO

Desde que chegaram na cidade Maria começou respirar com mais suavidade, sentindo-se melhor. A primeira noute já ella se sentiu alliviada, dormiu alguma cousa, tanto que se levantou mais alegre; seus olhos mostravam mais vivacidade, como indicando a satisfação que lhe enchia a alma. O appetite começava apparecer; sentia necessidade de movimento, mostrava a actividade de uma senhora traquejada nas lidas de uma casa.

Manoel de Souza estava contentissimo: amava loucamente sua filha, queria vel-a sã, forte, alegre e feliz.

Carlos de Azevedo exultou de prazer quando soube que seu tio tinha ido á Tijuca com intenção de trazer a prima; não só se affligia com o estado de saude della, como lhe parecia que, sem ella o Rio de Janeiro era um deserto medonho. Agora que ella ahi estava e sentia-se melhor, seu coração dansava jubiloso.

Mas, porque essa anxiedade de se verem, entre os primos? porque essa avi-

dez de companhia que experimentam ambos?—Elles mesmos não poderiam explicar, ignoravam; e nem o Souza, que tinha mais pratica do mundo, poderia dar a explicação, porque tudo lhe parecia natural, de nada desconfiando; e, porém, que os vejo de fóra, que os observo ha muito tempo e, com o conhecimento que tenho das cousas que se passam n'este mundo de Christo, mesmo sem possuir a intuição de um Balzac, tenho minhas desconfianças de que aquelle par de jovens primos, sem se aperceberem, nutriam um doce sentimento que elles desconheciam até se conhecerem, que estava fóra de seus calculos, sobre o qual nem de leve faziam um raciocinio, porque tudo não passava de uma sensação instinctiva.

O caso é que agora todos n'aquella casa estavam satisfeitos.

Dona Ritinha, que era muito amiga de Maria, uma senhora já de certa idade, bastante sensata e carinhosa, não poz a mais leve duvida em fazer companhia á sua amiga. Ella que ha muitos annos vivia sobre si, muito versada em economia domestica, podia prestar bom serviço á filha de Manoel de Souza, servindo-lhe de guia. Maria á cada passo pedia á d. Ritinha que não se cansasse, que deixasse toda occupação para ella, que lhe mostrasse tão sómente o que ella devia fazer, pois não só isso lhe seria de utilidade como aprendizagem da gerencia de uma casa, como tambem lhe serviria de distração: o trabalho, a occupação eram um entretenimento que lhe aproveitaria para seu estado de saude.

Todos os dias, á tarde, quando ia se aproximando a hora de Carlos chegar em casa, Maria ia muitas vezes á janella, porque ansiosa esperava avistal-o, ainda de longe.

Carlos, com a regularidade de um chronometro, deixando o escriptorio, chegava em casa: não havia o que o detivesse em caminho. Por mais que seus amigos insistissem para dar um passeio, ou para entrar n'um café, nada o prendia. De todo tempo que tinha de liberdade não distrahia um momento sequer: nada, nada absolutamente o agradava fóra de casa.

Quinze dias depois que Maria veio da Tijuca, Carlos, chegando em casa, encontrou-a na sala: ella distarçava com um livro que tinha na mão; porem o primo notou que ella estava triste e seus olhos apresentavam signaes de que tinham chorado. Indagando o motivo d'aquella tristeza, respondeu que não havia motivo, que não tinha chorado nem estava triste; mas fallando, com difficuldade podia reter duas lagrimas que impertinentes lhe brilhavam nos cantos dos olhos: vendo porém quanto affligia seu primo, disse que a incommodava a idéa de que estava boa e que por isso logo teria de voltar para o collegio.

Carlos, posto que tambem commovido, procurou consolar a moça. Depois ella passou ao primo o livro, que era um album, e pediu-lhe que escrevesse alguma cousa.

—Mas o que poderei eu escrever?

—Qualquer cousa. Um pensamento qualquer.

Carlos recebeu o album e Maria sahio.

Eram passados alguns minutos e o moço tinha os olhos voltados para a porta por onde sua prima tinha sahido: é que seu pensamento acompanhava-a, mesmo depois que ella havia desaparecido de suas vistas. Soltando um volumoso e dolorido suspiro parece que despertou sua intelligencia; abriu o album sobre a mesa, voltou algumas folhas, tomou a penna e escreveu. Depois fechou o livro e sahio.

Mais tarde Maria entrou na sala, foi direito á mesa, tomou o livro, abriu-o e leu o que o primo havia escripto; ficou pensa-

iva alguns instantos: seu semblante mostrava melancholia, mas seus labios se contrahiam quasi imperceptivelmente n'um venturoso sorriso. Reflectindo, dizia mentalmente: «Porque será que elle diz isto?... «... só tem dores, verte prantos o meu peito desgraçado.»?... Seu peito desgraçado... mas porque?... acaso...? Pobre amigo... si eu pudesse dar-lhe consolação e estancar-lhe os prantos... Si estivesse em mim fazel-o feliz, ai! por certo não hesitaria.... Porém terá elle alguma paixão?... ah! si assim é para que escreveu em meu album? seria melhor que nada dissesse, nem eu quero, não tenho necessidade de saber; não lhe perguntei por isso... (Depois como reflectindo) Mas... quem sabe? Eu tambem o estimo tanto, adoro-o mesmo e não lhe manifesto... Porém si elle nutre um sentimento igual ao meu, porque occulta de mim?... Não l não me deixarei levar por uma illusão... Elle gosta de alguém, isso é certo; eu devo calar e suffocar este affecto que sinto em minha alma, porque, do contrario, seria cruel a desillusão...» Fechou o livro e atirou-o com eufado sobre a mesa; sahio, (talvez fosse chorar na cama que é logar quente.)

Chegou o dia 2 de Novembro—data em que se commemora os defunctos. Como é de costume ia-se em piedosa romaria aos cemiterios.

O dia amanhecêra claro e bonito: alegre para aquelles que se julgam felizes e só pensam em se divertir; triste para os que, cortindo luctuosas recordações, pensam saudosos na eterna ausência de um ente querido.

Maria pediu ao pae que a levasse ao cemiterio do Cajú; queria levar uma corôa de saudades ao tumulo de sua mãe. Manoel de Souza era religioso e sempre aprovava esses actos de piedade; porém sentindo se um pouco incommodado, disse á filha que fosse, e que convidasse o Carlos para acompanhá-la.

No Campo-Santo Maria, toda vestida de lucto, o que fazia mais sobresahir sua belleza, depois de collocar a grinalda sobre a louza que cobria a sepultura de sua mãe, ajoelhou-se e, recolhida em suas orações, alheia ao que se passava ao redor de si, insensivelmente deixava deslizar por suas faces dois fios de diamante, essencia de um puro e sensível coração opprimido por dolorosa saudade filial. Aquellas lagrimas sinceras cahiam, e tão embebida estava ella que nem se lembrava que podiam serem vistas por olhos profanos, porque ella mesma n'aquelle momento de meditação profunda nem via tanta gente que lá se achava.

N'esta occasião passava por alli o commendador Silveira e, dando com a vista em Maria, estacou admirado: contemplou-a e, extasiado, ou antes embasbacado e, boquiaberto, ficou chumbado no logar. E' que seu espirito foi arrebatado pela fascinante lindeza daquella joven; e só baixou do arrebatamento quando a moça se levantou. Carlos, que tambem não estava menos encantado, e que se tinha a alguns passos da prima para não a perturbar em suas orações, avançou e deu-lhe o braço. O commendador Silveira, como arrastado por um iman, acompanhou-os, á certa distancia, até o portão onde o carro esperava o joven par.

Quando o carro partiu o commendador ficou embatucado, como se um eclipse total do sol no pino do dia obscurecesse de repente a terra. Depois, dirigindo-se á um cocheiro que alli estava na sua boléa, perguntou si conhecia esses moços que haviam sahido n'esse instante. O interpellado respondeu:—Sim, senhor; é o senhor Carlos de Azevedo.

—E a companheira?

—E' sua prima, filha de seu patrão.

—Quem é seu patrão?

—O senhor Souza.

—Sabe me dizer onde mora?

—Sua residencia... com certeza, não sei; sua casa commercial é na rua do Sabão n. 16—um grande negocio.

—Muito obrigado.

O commendador n'esse mesmo dia indagou de algumas pessoas e teve informações exactas. Soube que se chamava Manoel Ferreira de Souza, que era negociante abastado, capitalista forte, viuvo e que só tinha essa filha, a qual era muito bem educada e muito boa moça...

E' verdade, ainda não disse quem é esse commendador Silveira; vou pois apresental-o ao meu leitor (isto é, si algum teve a estoica pachorra de ler estas insulsas linhas até aqui.) Pelo que ficou dito no paragrapho supra vê-se que o commendador á primeira vista recebeu em pleno coração uma setta atirada pelo travesso filho da filha do Mar, e assim poderão suppor que era um mancebo, portador de vinte annos de idade, possuindo um coração ardente e vigoroso, por cujas valvulas o sangue agitado passava em borbotão... Pois é um puro engano: o commendador era um homem que ainda não contava sessenta primaveras, mas já lhe pesavam no tontuço para mais de cincoenta invernos. Era ainda direito, forte, porém magruço e pallido; não era totalmente feio; vestia-se com muita correção.

Continua.

LEONOR

A' M. PEREIRA DE ARRUDA

A vez primeira que eu fitei Leonor
Julguei-a estrella a caminhar perdida,
Linda bouina nos jardins da vida,
Rola saudosa a suspirar de amor.

Tinha as meiguices de um botão de flor,
Nos negros olhos uma luz fulgida,
Na rosea bocca uma canção sentida,
No rosto as graças de immortal pallor.

Então, eu disse n'uma voz contente:
O' lindo archanjo, pequenina estrella,
E's bem feliz, o teu sorrir é ingente...

E ella correu como uma ave mansa,
No dorso niveo fluctuava bella
Da briza ao sopro a pequenina trança.

**

Foram-se os annos que custaram tanto
Para passar. Porém, um certo dia
Fui contemplar a rosa de magia
E extatico fiquei, cheio de espanto!

A casa abandonada e tuco quanto
Alli deixei, n'um riso de alegria,
Tapava a porta uma arvore sombria,
Mostrando a gente um enluctado pranto!

Morreu a pomba augusta da esperança!
Já não vivia aquella divindade,
O casto riso e a perfumada trança...

Nos humbraes da casinha abandonada,
Vae-se inclinando a cruz de uma saudade,
Não brota mais a flor de sua risada!

FRANCISCO LAGRECA.

S. Paulo, 24—7—99.

Noticiario

Grupo escolar Cesario Motta.—A secretaria do interior recommendou á directora do grupo escolar *Cesario Motta* que reuna em um só anno os alumnos dos 3º e 4º, visto ambos accusarem pequena matricula.

Multa.—Pela secretaria da agricultura foi imposta á Companhia União Sorocabana e Ytuana a multa de 2:000\$000 pela inobservancia do determinação relativamente aos melhoramentos do trecho da sua linha entre Ytú e Itaicy.

Roubo.—Eugenio Scatema, caçado de passar mal por causa da situação difficil que atravessamos, achou mais conveniente abandonar o officio de sapateiro e abraçar uma outra profissão mais rendosa e menos difficil.

No dia 22 do corrente elle fez a sua estreia e suspendeu diversos objectos pertencentes aos italianos Luiz Caetano, Nicola Francesco e outros.

Dizem ás más linguas que Alberto Mariani fez sociedade com Eugenio no seu novo meio de industria.

Eugenio Scatema não mostra grandes aptidões para a *magica branca*, pois, depois de escamotear diversos objectos andou, seguidamente, vendendo pela rua, á quem mais offerecesse, o guarda-chuva pertencente a Francisco Nicoli, relógio de Angelo Marcheti e tantos outros objectos adquiridos pelo mesmo processo.

O turco Salles Cory, negociante de fazendas, achando que o guarda-chuva era demasiado barato, comprou-o e foi ainda, conjunctamente com Nhóhó Pecado e Sebastião de tal, testemunha de outras tantas vendas que o *abismaram* pela insignificancia de preço.

Eugenio Scatema não deve proseguir no furto; não tem queda para isso. O melhor que tem a fazer é continuar a fabricar *scarpe*...

Tantas são as testemunhas que depõe contra Scatema que elle acha-se mettido n'um apuro dos diabos.

Scatema, depois de tantas sortes bonitas que fez, raspou se para a capital onde estaria muito bem accommodado se não fosse a *perversidade* do capitão Branco, activo delegado de policia, que mandou buscar o *bicho* para esta cidade onde está sendo processado.

São testemunhas da tal historia de processo as sras. Maria Teixeira, Maria Rita do Monte Carmello e Avelino de tal.

Scatema acha-se presentemente hospedado no hotel *Carmo Branco*, situado no largo do *Carmo* e que de *Branco* nada tem.

Elle não se queixa do insuccesso da estreia; queixa-se da quantidade enorme de... de... de... uma especie de barata microscopica que, naquella hotel, existe em quantidade!

General Roca.—O senado argentino concedeu a licença pedida pelo general Roca para se ausentar do territorio da Republica.

O general Roca na mensagem em que pediu licença, apresentou como causa desse pedido, a conveniencia de estreitar as relações de amizade entre os paizes da America Latina.

A licença é de um mez.

O senado votou tambem o credito para as despesas de viagem.

A partida ficou transferida para o dia 3 de Agosto proximo.

Fallecimento.—No dia 26 do corrente falleceu na capital o tenente Frederico Leopoldo, official da brigada policial do Estado.

Era bastante estimado pela officialidade da brigada e por todos os seus subalternos, especialmente por todos do 1º batalhão ao qual pertenceu.

Frederico Leopoldo, que fez a campanha de Canudos, impunha-se a sympathia de quantos com elle privavam pelo tracto ameno e fina educação que possuia.

Sabemos que o capitão Branco, um dos seus admiradores e amigos, manda rezar no dia 2, na Matriz desta cidade, uma missa em suffragio de sua alma.

Lynchamentos.—Um jornal norte-americano trouxe uma lista dos lynchamentos de negros nos Estados Unidos, durante o anno passado.

Houve 340 negros lynchados. Desses numero, 12 tinham ultrajado mulheres brancas; a maior parte das outras execuções fundaram-se em cousas futeis.

Secção Livre

Sociedade musical

« Independencia 30 de Outubro »

De ordem da directoria desta sociedade faço publico a seguinte deliberação da mesma: Os ensaios serão ás segundas, quartas e sabbados, sendo os dous primeiros vedados ás pessoas extranhas a banda e o ultimo, o de sabbado, póde ser assistido por todas as pessoas que o queiram fazer.

O secretario
PORCINO DE CAMARGO COUTO.

Annuncios

SARDINHA á 35\$000 a caixa, no armazem de João Baptista Galvão, á rua da Palma n. 112.

Alpiste

Nova, arroba. 11\$000
Kilo. \$800
No armazem de Joaquim Dias Galvão, á rua do Commercio.

ARAME FARPADO SUPERIOR QUALIDADE

Rolo. 22\$000
Arame liso, kilo. 1\$300
Vende-se no armazem de Joaquim Dias Galvão.

Superior arroz da terra e Carolina vende-se no armazem de Anezio de Vasconcellos.

CORDAS DE LINHO, de todas as grossuras, de 2\$500 a 5\$000 o kilo. No armazem de João Baptista Galvão, á rua da Palma n. 112.

ASSUCAR

DE DIVERSAS QUALIDADES

Vende-se no armazem de Anezio de Vasconcellos á rua da Palma.

ASSUCAR

Crystallizado, novo, sacca 52\$000
Redondo, sacca 36\$000
Mascavinho, sacca. 32\$000
Mascavo, sacca 30\$000
Vende-se no armazem de Joaquim Dias Galvão.

Fumo superior

Encontra-se no armazem de Fernando Dias Ferraz.

YTAPORANGA

João Antunes de Almeida, negociante estabelecido á rua Direita n. 55, desta cidade, partieipa ao publico em geral que em seu negocio de seccos e molhados, ferragens, etc., reuniu mais a venda das conhecidas lages de Ytu e para esse fim adquiriu a afamada pedreira de J. de Mesquita, que de hoje em diante denominar-se-á chacara do Ytaporanga, dando á esta propriedade grande desenvolvimento, está preparado para receber qualquer encomenda e dar prompto embarque e satisfazer, tanto em preços como em qualidade, ás pessoas que lhes favorecer. Espera facilitar as transações o mais que fór possível, e previne desde já que o pagamento será no fim da entrega e as pedras despachadas pela estrada da ferro são por conta e risco do comprador.

Matricaria de F. Dutra

O remedio das crianças que faz desaparecer todos os soffrimentos de dentição em poucas horas.
Preço de cada caixa 2\$500, preço de duzia á 24\$000. Unico depositario do fabricante nesta cidade.

Pharmacia São Sebastião
DE
SOUZA & COMPANHIA

Bom emprego de capital

Vende-se o sitio que foi de Luiz Benenti, situado no bairro do Braga, com grande plantação de parreiras, casa de morada, paiol e moinho bem montado, com 60 alqueires de boas terras. Quem pretender dirija-se á rua do Commercio n. 54, á tratar com
SILVA PINHEIRO.

Cal de Sorocaba

VIRGEM
Saccaria grande

Vende-se no armazem de Joaquim Dias Galvão.

Revolvers Smith & Wesson (LEGITIMOS)

De numero 320, cabo de madreperola, por 130\$000.
Dito, numero 380, cabo de madreperola, por 140\$000.
Balas para os mesmos e balas de carabinas.
No armazem de Joaquim Dias Galvão, á rua do Commercio.

Superior fumo

Vende-se no armazem de Anezio de Vasconcellos, á rua da Palma.

Apparehos de porcellana

No estabelecimento de Joaquim Dias Galvão estão á venda ricos apparehos de porcellana, constando os mesmos das seguintes peças: apparehos para café, chá e de toilette.

Cognac Jules Robin

Caixa 63\$000
No armazem de João Baptista Galvão, á rua da Palma n. 112.

Vinho superior para mesa, vende-se no armazem do Anezio de Vasconcellos.

NOVIDADES

Especiaes queijos mineiros, frescos, superior fumo do Jahú e fumo em lata de todas as qualidades, no armazem de Joaquim Dias Galvão.

BANHA EM BARRIL

Um barril 28\$000
Um kilo. 1\$800

João Baptista Galvão
RUA DA PALMA N. 112

Superior arroz da terra

Vende-se no armazem de Anezio de Vasconcellos, á rua da Palma.

Farinha de trigo

Marca OO, sacca, 12\$000 e. 14\$000
Nacional, sacca 20\$000
De Trieste, sacca 19\$000

No armazem de Joaquim Dias Galvão, á rua do Commercio.

Facas

Grande sortimento de facas com bainha de metal e de couro.

No armazem de Joaquim Dias Galvão, á rua do Commercio.

ARMAZEM DO GUSMÃO

Kerozene Brilhante, caixa. 13\$500
» » 10 caixas. 13\$000
Fumo superior, arroba. 25\$000

A' dinheiro

RUA DIREITA, 51

Augsto Gusmão

Espingardas

De 1 e 2 canos

NOVO SORTIMENTO

Encontra-se no armazem de Joaquim Dias Galvão.

Commissões e Consignações

Vieira dos Santos & Comp.

Rua 25 de Março N. 95--S. Paulo

Esta casa recebe todo o genero do paiz perante pequena commissão.

Dão-se boas contas de venda.

Compra-se qualquer quantidade de feijão ou milho.

Para informações, nesta cidade, com o sr. Paulino Pacheco Jordão.

HOTEL

LUZO-BRAZILEIRO

Com este titulo acaba de abrir-se este Novo Hotel no largo da Matriz, em frente ao jardim publico, sendo a sua entrada pela rua Direita n. 38.

Este Novo Hotel offerece todas commedidades aos srs. viajantes, predominando a promptidão e asseio no serviço e a confortabilidade em toda a sua organização.

Acceita-se pensionistas

O proprietario

José Dias Marinho.

Grande incendio sem fogo

O proprietario do Armazem Central, tendo ido fazer compras nas melhores casas de São Paulo, tem o prazer de communicar a seus amigos e freguezes que acaba de receber um lindo e variado sortimento em chiearas de porcellana para chá e café, (gosto o que há de chic), lindos vazos para flores, guarnições para toilette, calis de crystal para agua, moringas nacionaes e estrangeiras, vinho do Porto e licores, chapas para fogões, peneiras de arame, finas e grossas, pregos de todos os numeros, enxadas marca mão, enxadões, machados.

Trouxe os recommendaveis filtros Assorianos, talhas de gosto moderno. Em molhados tem as melhores marcas de vinhos, tamaras, ameixas salpicão, salchichas, leite condensado, farinha lactea, doces em calda, e muitos outros artigos que seria longo mencionar, e por isso convida a virem ver o seu grande sortimento para ver a realidade do que fica exposto, para dizer mais doque tenho je bom em casa poderão julgar, que é pomada.

Outrosim participo que não vendo a maior prazo que o de fim de mez, tambem convido os que estiverem em atrazo virem satisfazer seus debitos.

Ytu--Rua do Commercio 112

Porcino Camargo Couto.

Alfaiataria Ytuana

DE

PAULO SEGAMARCHI & CAMARGO

Rua do Commercio n. 100

Nesta bem montada alfaiataria apromptam-se com brevidade e perfeição todas as obras concernentes a arte.

A LOJA DO VALENTE

A' SEUS AMIGOS E FREGUEZES

Os proprietarios da LOJA DO VALENTE participam aos seus numerosos amigos e freguezes a organisação da nova sociedade, conforme communição que fazem a praça.

A nova firma, dispondo de grandes recursos para nas principaes casas do Rio de Janeiro e S. Paulo fazerem compras em condições as mais vantajosas possiveis de artigos constantes do seu negocio

FAZENDAS, ROUPAS,

ACRMAKXNHO, CAGCAOS,

ETC., ETC.

tendo sempre grande e variado sortimento por

PREÇOS BARATISSIMOS

que não podem ter competencia, pedem aos seus muitos freguezes a continuação da sempre reconhecida preferencia á Loja do Valente, onde comprarão **MUITA FAZENDA POR POUCO DINHEIRO !!**

Temos em viagem grande, chic e variadissimo sortimento.

PREÇOS BARATISSIMOS

FERREIRA DIAS & COMP.